

KIXOAKU ITÚKEA
MODOS DE FAZER

KIXÓVOKU VITÚKEOVO **NOSSA CULTURA**



KIXOAKU ÍTUEA
MODOS DE FAZER

KIXÓVOKU VITÚKEOVO
NOSSA CULTURA



COLEÇÃO ITÚKEOVO TÊRNOE

KÍXOAKU ÍTÚKEA: KIXÓVOKU VITÚKEOVO

MODOS DE FAZER: NOSSA CULTURA

Organizadoras: Denise Silva e Patrícia Zerlotti

Textos: Fernanda Maria Clara Pereira Cantarelli, Marlene Rodrigues e Paulo Flores Kinikinau

Tradução: Maísa Antônio, Lauriete Arruda, Salin Sebastião Mendes, Estevina Vieira, Deusinéia Pinto, Odilson Canale e Denise Silva

Revisão da Língua Terena: Maísa Antônio, Elizeu Lindolfo Sebastião e Denise Silva

Revisão da Língua Portuguesa: Denise Silva e Willie Macedo de Almeida

Ilustrações: Apres Gomes Neto

Edição: Patrícia Zerlotti

Projeto gráfico e diagramação: Luis Augusto Akasaki

Colaboradoras: Paula Renata Cameschi de Souza e Claudete Cameschi de Souza

Esta é uma publicação do Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural - Ipedi

Rua Tiradentes, 563 - Centro - Miranda, MS.

Telefone: (67) 3242-1592

E-mail: ipedi.diretoria@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - Brasil

Cantarelli, Fernanda Maria Clara Pereira.

Modos de fazer : nossa cultura = Kíxoaku Itúkea: Kixóvoku Vitúkeovo / Autores Fernanda Maria Clara Pereira Cantarelli, Marlene Rodrigues, Paulo Flores Kinikinau; Organizadoras Denise Silva e Patrícia Zerlotti ; Tradução Maísa Antonio ...[et al] ; Ilustrações Apres Gomes Neto . – Miranda : Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural – IPED, 2019.

37, [7] p. : il. – (Coleção Itúkeovo Têrneoe)

Texto na língua Terena com tradução para o português

ISBN da coleção 978-65-80600-00-7

ISBN da obra 978-65-80600-03-8

1. Índios Terena. 2. Cultura indígena Terena. I. Rodrigues, Marlene. II. Kinikinau, Paulo Flores. III. Silva, Denise IV. Zerlotti, Patrícia. V. Antonio, Maísa. VI. Gomes Neto, Apres. VII. Título.

CDD 306.089

Bibliotecária responsável: Juliana B. Ounap CRB 1/3147

**KÍXOAKU ITÚKEA
MODOS DE FAZER**

KIXÓVOKU VITÚKEOVO NOSSA CULTURA

REALIZAÇÃO



Miranda - MS

© 2019

KIXÓVOKU RA KOYUHÓPETI

Haná'iti huvó'oxeovi úti terenoe ra yutoxoepa úti ra vexetina vóhexoti xoko úti vitukópatine motováti akó'oyeamo auke xunati ra ováti ra peúke veú motovâtimaka noíxeokono.

Enepora koyuseopati heú koeti ra itúkeovo ra koyuhópeti IPEDI huvó'oxopa ra kopénoti yutóxoti kókoyuse koepoti.

Enepora IPEDI haná'iti huxó'oxoti úti kopenoti itukopa yutoe ra exetínatihiko koyúkopoti vitukeovo Yoko visóneu.



APRESENTAÇÃO DO LIVRO

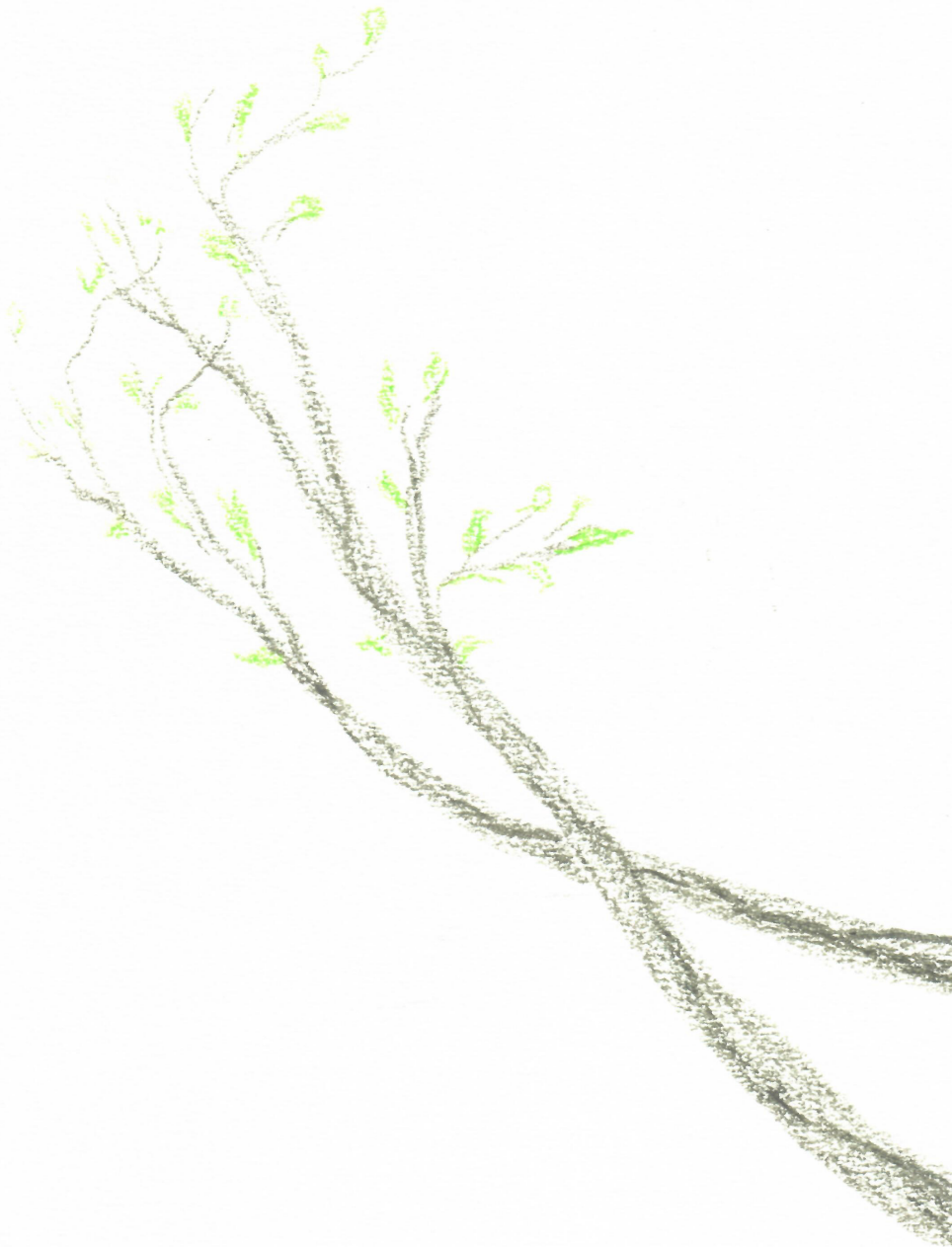
Criar, conceber, formar, gerar, constituir e elaborar são sinônimos de fazer. O fazer é trazer à tona, transformar em materialidade o que carregamos dentro de nós. Por isso, registrar, contar modos de fazer é tão importante aos indígenas terena do Pantanal. Um povo em busca de revitalizar sua cultura e sua língua luta para fazer vivos costumes tradicionais que revelam sua identidade cultural. O jeito de fazer é, para os terena, a forma de exercitar quem são, fixar os conhecimentos dos saberes tradicionais nas mentes das próximas gerações. É pelo fazer que o terena exerce a forma mais prática de pertencimento à sua comunidade. Portanto, é tão sensível o volume que você tem em suas mãos. Nele você verá a pura manifestação do fazer na cultura terena, registrada para que não-índios conheçam e para que índios se reconheçam e celebrem sua identidade tirando do papel a ação.

Os livros desta coleção foram construídos pelos indígenas, com o acompanhamento cuidadoso de pesquisadores do Ipedi. Desde a definição das temáticas à formatação das obras, todo o processo foi realizado com os indígenas-autores.

O Ipedi reafirma, desse modo, o compromisso de promover ações de protagonismo das comunidades em que atua, fomentando não apenas o reconhecimento de que são pessoas capazes de realizar e transformar, como também o aparecimento de lideranças comunitárias.

Contar estas histórias, sob o ponto de vista dos próprios indígenas, registrando as linhas e entrelinhas foi um desafio gigantesco, possível apenas porque a obra é resultado da união de instituições, de recursos, de comunidades. União de gente. Gente que se dispôs a sentar e conversar, a contar histórias e a ouvir. Gente que se dispôs a organizar tudo isso e trazer para você.

Esperamos que as histórias que contamos façam você viajar; que você possa recontá-las a outras pessoas; e que faça delas obras vivas, eternas.



IHAXAKOKU SUMÁRIO

KIXÓVOKU VITÚKEOVO | NOSSA CULTURA

KIXÓVOKU TERÉNOE
CULTURA INDÍGENA TERENA // 12

ÉXÉTINA HOMO SENÓHIKO
A HISTÓRIA DA PINTURA FEMININA // 14

KÂSATUNA TERENOE
CASAMENTO TERENA // 16

HIYÓKENATIHIKO | DANÇAS

HÍYOKENAKIPÂE
DANÇA DA EMA // 20

HIYOKENASENÓHIKO
DANÇA SIPUTERENA // 22

OXOKENÁTIHIKO VIPUXÓVOKE | SONS DA ALDEIA

HKIXOKONOKU ITUKEOVO PEPEKE
INSTRUÇÕES PARA FAZER UM TAMBOR // 26

KIXOVOKU ITUKEOVO HUMIKOPETI
INSTRUÇÕES PARA FAZER UMA FLAUTA // 34



INÚXOTI CAPÍTULO UM

**KÍXOAKU ITÚKEA: KIXÓVOKU VITÚKEOVO
MODOS DE FAZER: NOSSA CULTURA**

XUNATI RA UTI NOSSA CULTURA

Autora: Fernanda Maria Clara Pereira Cantarelli



KIXÓVOKU TÊRENOE

CULTURA INDÍGENA TERENA

Énomone ne vítukevo motovâti véxokea elókeko vokóvo yoko visóneu. Anéye ya xoko ûti, ya hiyokénati, homôti, vítukehiko, ipovoti yoko po'ínuhiko.

Énomone ne vitúkeovo, véxone, kixóvoku ûti yoko nóxea ûti ra mêum. Énomone ákoino áuke'e ne kixoku itúkeovo ne xanéhiko.

Enepone itúkeovo ne Têrenoe motóva éxokea ya ítuke ya vô'u, ípovo, nîka, emó'u yoko híyokena.



Arte é aquilo que fazemos para mostrar nossas emoções e ideias. A arte está presente em nossas vidas o tempo todo – nas vestimentas, danças, pinturas, nos artesanatos, entre outros.

A cultura envolve a arte, os conhecimentos, as tradições, o modo de viver e ver o mundo. Assim, a cultura de um povo é preservada por meio de sua arte e dos saberes tradicionais que são transmitidos de geração em geração.

A cultura Terena pode ser expressa nos artesanatos, nas vestimentas, na alimentação, na língua e na dança.



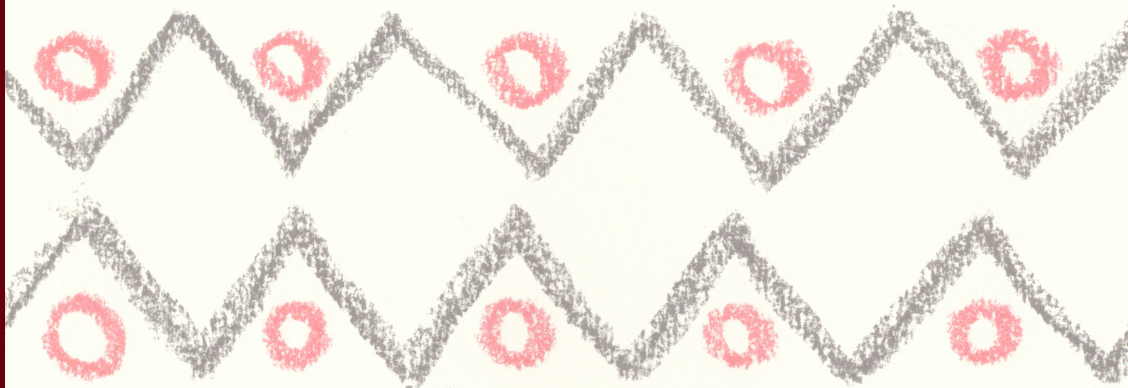
ÉXÉTINA HOMO SENÓHIKO

HISTÓRIA DA PINTURA FEMININA

Enepone senóhiko homoxo hîxo, nône, tâki yoko hêve enepo hiyokéxo.

Ápe kixo'ekone ne homôti. Enepone hopú'iti kixo'ékoti úhepeti isonêuti; kene harará'iti, íti; kene hahá'iti, ikáxune kovóti. Koane motóva itúkeovo kixo'ékoti elókeko senóhiko itopóno âna itóponea.

Enepone harara'iti hane úkea xoko ha'í niyé; hopú'iti, kata; haha'iti, xorómonike.



O desenho da pintura feminina é usado na roupa, no rosto, nos braços e nos pés, na manifestação da dança siputerena.

Neles, as cores remetem a determinados significados. A cor branca simboliza a paz; a vermelha, sangue; e a preta, luto. Essas cores também representam uma comemoração de festa pela alegria de terem alcançado algum objetivo.

Os pigmentos utilizados são extraídos das sementes de urucum, a partir de uma substância de cor vermelha, branca, preta e cinza.

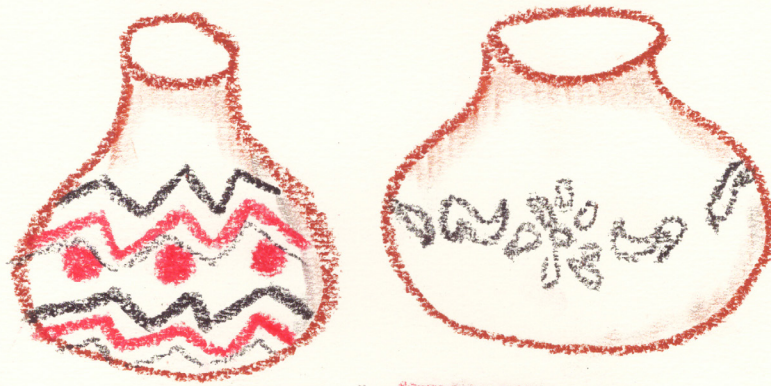
KÂSATUNA TEREÑO

CASAMENTO TERENA

Ukeati inâ ihôno ne kalivôno, enepone itukoâti xe'éxa turíxovone ípuyea pote motovâti esa'ikeokoko enepo kasátuxa ne xe'éxa.

Pó'iti kixóvoku potena ne sêno yoko hóyeno; ako akútikoko. Enepone sêno purupu'í koe potena, kixo'ékoti itúkeovo koxe'exakenati ne sêno. Kene ra ítuke hóyeno eyevó koe hána'iyea, kixo'ékoti xunako hóyeno ya nóyeya, koane itúkeovo énomone kataráko yêno. Enepo simovóne kaxena kâsatu, unákovo ra ârunoe epó'oxo áhikoa êno tumúneke ipúhikea, epó'oxo kipóhevexoa êno.

Kaxénake kâsatuxope hane hokópokoko xoko óvoku nóvokoe ha'a sêno, yane enomone iká'akovo tuíti; xokóyo ra tuíti énomonemo ivátako ne ârunoe kúxea ne homoêhou. Kene enepora homoêhou ukea óvokuke hanemo xáne hiyokéxoti kipâe. Enepo simoné'e hiko itúkinoxa oxénehiko kukúkeke hiyokéxoti véko ra homoêhou yane esa'ikokoahiko ne ipunéti, ípune êno ra homoêhou yoko ra ítuke ârunoe; ikéne esa'ikeokoko ipunéti turíxovone ayúiti.



Após o nascimento de uma criança terena, sua mãe começa a fazer um pote. O objeto só será utilizado depois de a criança ter crescido, ao chegar o dia do casamento. Cada pote apresenta uma forma de acordo com o sexo. Se for uma menina, o formato é mais achatado e redondo, o que representa a fertilidade feminina. Se for um menino, o tamanho é maior, o que representa a força utilizada na plantação como meio de sobrevivência de sua família.

Quando é chegado o dia do casamento, a moça se prepara durante uma semana com banhos preparados pela mãe. Antes de sair da casa de seus pais, a mãe também lava os pés da filha. No dia do casamento, os noivos se encontram no local escolhido pelo pai da noiva, onde há uma rede previamente armada para que a noiva se sente a fim de esperar por seu noivo.

Vários homens são responsáveis por conduzir o noivo numa dança masculina. Ao chegarem, os demais homens abrem uma ala para a passagem do noivo. Em seguida, os noivos fazem as trocas dos potes e, com essa cerimônia, já passam a ser marido e mulher. Então, começa a festa.

PI'ÁPE

CAPÍTULO DOIS

KÍXOAKU ITÚKEA: KIXÓVOKU VITÚKEOVO
MODOS DE FAZER: NOSSA CULTURA

HIYÓKENATI HIKO

DANÇAS

Autora: Marlene Rodrigues



HÍYOKENA KIPÂE

DANÇA DA EMA

Enepora hiyokénati énomone exeokono ne terena, vo'oku póhutihiko kopénoti ape híyokena. Ako tōpi kixo'ekone, énomone kuteati elóketi, itopónoati ne âha yoko ape simoâti xo'opeti.

Enepora hiyokénati pí'âxo: énomone ne súkirikeono yoko xúmono, okopókokoti ya hiyokénati.

Mekúke yûhohiko ne xâne itúkeovo elókeko okóvo híyokexinohiko vo'oku itôti okôpo káxeono yane híyokexone.

1) Komomâti ne none hōi.

2) Enepone hiyokéxoti kamokínoti emo'úti híyeuke hōi, yane enepora nâti váukone, enepora emo'u nâti váukea xapa hōi énomone turíxeovo ne hiyokénati.

3) Enepora súkirikeono yoko xúmono ya étakatina, hane itúkopo koêku enepo yetoréxo ne kopénoti okôpo káxeono.

4) Enepo itoné'e alú'oko ne nâti vanúkeke koane híyokexeahiko.

5) Yane hunókokuke váukoponemaka, kixo'ékoti íteahiko.

A dança possui uma forte influência na vida cultural de vários povos. Na etnia terena não é diferente, pois a dança faz parte das celebrações, dos rituais e das conquistas, e também demonstra a hospitalidade com os visitantes.

A dança de bate-pau tem diversos significados. Ela está associada com as atividades cotidianas, como a caça e a pesca, aos ritos, como os batizados, e à luta, como as divergências entre os grupos sukrikiono e xumonó.

Há relatos dos antepassados de que essa dança foi utilizada como celebração da vitória do Brasil na Guerra do Paraguai.

1) Significa a sondagem de caça nas florestas.

2) O grupo escuta os sons vindo da floresta. A seguir, o guerreiro chefe do grupo solta um grito que é o comando para iniciar a dança.

3) Os dois grupos simulam, com as taquaras, a cena de luta.

4) Após a vitória, os guerreiros elevam o chefe com a técnica dos materiais utilizados na dança (taquara).

5) O guerreiro anuncia a vitória com um grito de conquista.

HIYOKENASENÓHIKO

DANÇA SIPUTERENA

Sipúterena híyokena senóhiko; pí'a maka iháxakoku kuteâti koêku híyokena hóyeno, enepora hiyokénati hane hóko emo'u pepêke yoko huxôe étakati.

Ápeinoke ra hiyokénati sipúterena kixo'ékoti kóhe'exeovo ne senohiko, elókeko okovo senóhiko yoko itópononehiko seno Têrena.

Kíxo'ekone ra pí'âti ípuxovoku híyokena senóhiko.

Súkirikeono – harará'iti – itínahiko viyénoxapa yetoréxo mekúke.

Xúmono – hononó'iti, hane kíxo'eko ko'iyevovoku vanúke.

Hopú'iti, harará'iti yoko hahá'iti itúko homo mûyo ne hiyokéxoti.



Siputerena é uma dança feminina na qual há duas alas coreografadas por meio dos sons de instrumentos musicais como o tambor e a flauta. O principal objetivo da dança siputerena é demonstrar a afetividade, a alegria e as conquistas das mulheres terenas.

Os significados das cores utilizados por cada ala de mulheres na dança são:

Sukritionó – o azul representa o céu;

Xumanó – o vermelho significa o sangue derramado pelos povos indígenas do passado.

Ambas as alas utilizam as cores branco, vermelho e preto para as pinturas corporais.

MOPO'ÁPE CAPÍTULO TRÊS

KÍXOAKU ITÚKEA: KIXÓVOKU VITÚKEOVO
MODOS DE FAZER: NOSSA CULTURA

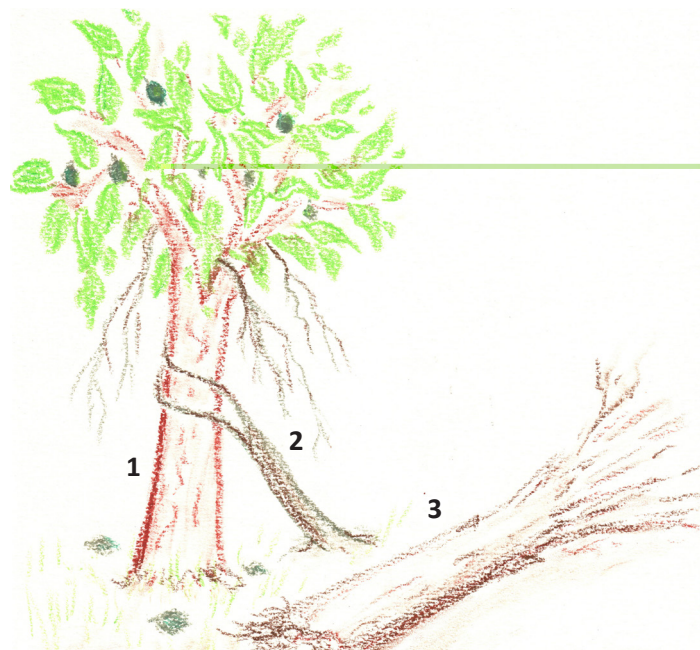
OXOKENÁTIMIKO VIPUXÓVOKE SONS DA ALDEIA

Autor: Paulo Flores Kinikinau



HKIXOKONOKU ITUKEOVO PEPEKE

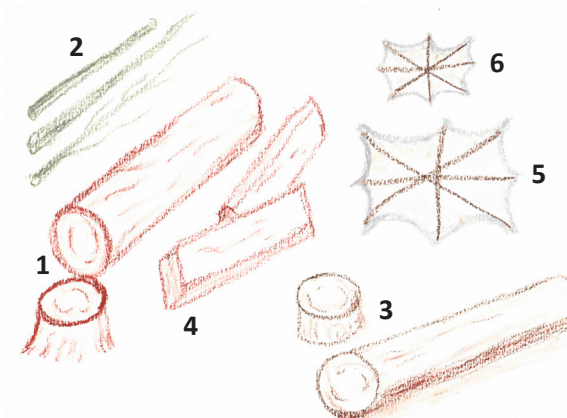
INSTRUÇÕES PARA FAZER TAMBOR



A - Nikíxa káva’o nutíku, ximbuá yoko hepípi. Koanemaka konókotimo mótoki tîpe yoko váka. Kónokoa itúkeovo ya pú’iti kohê itúkeovo ra pepêke. Yíxapa: Enepone hepípi yoko káva’o nutíku konókoti itúkeovo tonó’iti. Kene káva’o ximbua konókoti itúkeovo movó’oti.

Eneponehiko hepípi konókoti itóponea póhuti méturu. Kene ripa konókoti kutipu’í kó’iyea itóvoku hána’iyea, kene xê’o 6,5 cm kó’iyea itóvoku.

Kene mûyo ne ximbuá konókoti póhuti méturu xé’o yoko 25 cm itovoku hána’iyea.

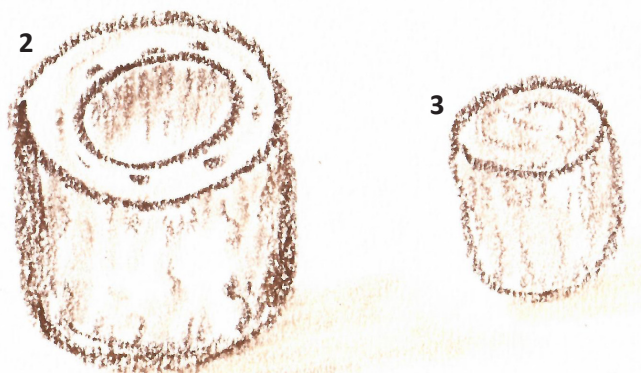
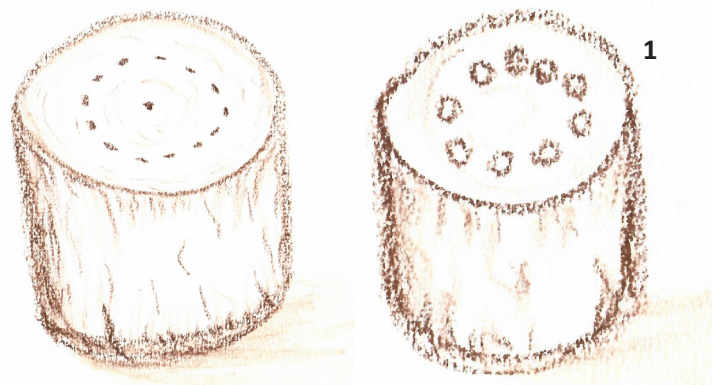


A – Coletar madeira de ximbuá, de jenipapo e cipó. O caule do ximbuá precisa estar seco, enquanto o caule do jenipapo e o cipó devem estar verdes. Os componentes do cipó devem ter aproximadamente um metro. A ripa também deve conter o mesmo comprimento e com aproximadamente 6,5 cm (seis centímetros e meio) de largura. O tronco da ximbuá deve ter um metro de diâmetro por 25 cm (vinte e cinco centímetros) de comprimento.

Providenciar, também, peles de veado campeiro e de boi. Deve-se dar preferência para fazer o tambor na fase da lua cheia.

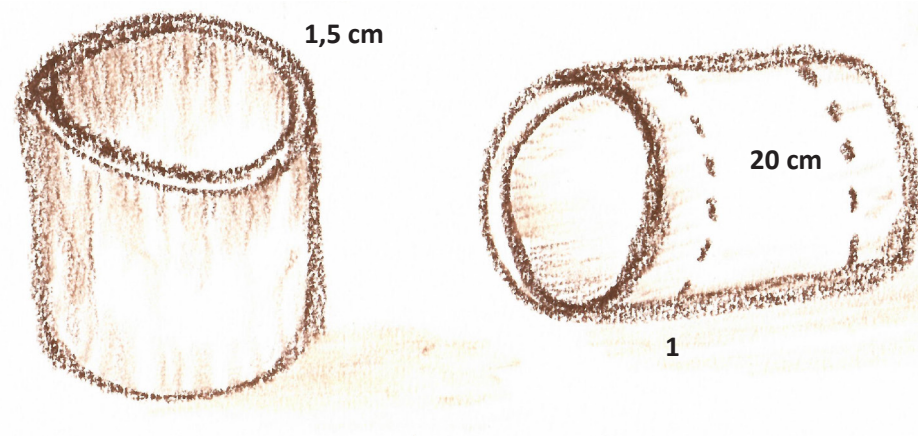
KIXÓ’IKONEHIKO | LEGENDAS

- 1 – Nutíku | Jenipapo
- 2 – Repipi | Cipó
- 3 – Ikava’o ximbuá kotureovoti | Tronco de ximbuá entrando em decomposição
- 4 – Nokòne | Ripa de jenipapo
- 5 – Motoki vaka | Couro bovino
- 6 – Motoki tipe | Couro de veado



B - Hoenáxoti kuku mûyo ne ximbuá, ikéneke hénaxa 90 cm itóvoku, ikéneke kehínaka kukúke ne hoénaxovoku yanê'e vína haváva kohínókopeti. Ikéneke kohínokexeovo, viyapanane itátanehiko kúveuke ne kehínoe.

B – Marcar o centro do tronco da ximbuá; depois, marcar 90 cm (noventa centímetros) de diâmetro; e, em seguida, perfurar o círculo marcado, utilizando um “trado”. Depois de estarem perfurados, retirar o miolo com ajuda de um “formão”. Após retirar o miolo, alisar a parte interna do tronco.

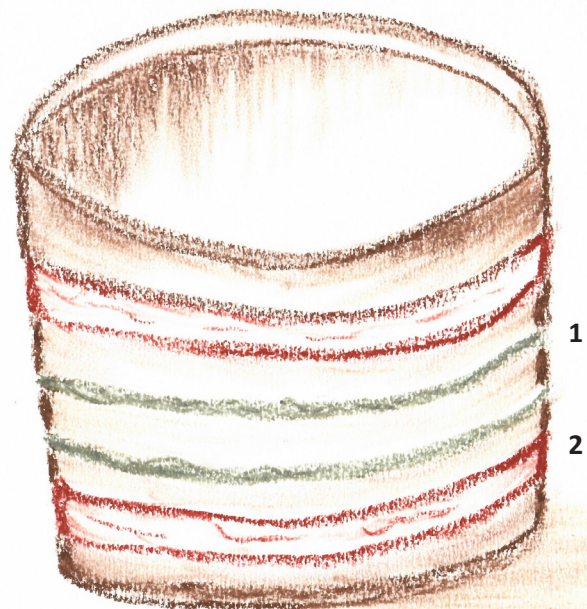


C - Ikéneke viyópi káyusea xê'o ne tikóti. Ikéneke kesása'iki xê'o, kesása'ikamaka kúveuke ne tikóti tuku koeti itapana 1,5 cm popóko. enepo yúsexa kesása'iki ne kúveuke yoko meukeke ínatimo titukôa enepone xê'ohiko motovâti kutikokó kó'iyea itovoku enepone itóvoku ne pepeke konókoti itúkeovo 20cm.

C – Logo após arrumar a parte interna, alisar a parte externa até ficar com aproximadamente 1,5 cm (um centímetro e meio) de espessura (modelo normal). Assim que estiver alisada a parte interna e a externa, deve-se cortar os lados para poder nivelá-los. O comprimento do tambor deve ser de 20 cm (vinte centímetros).

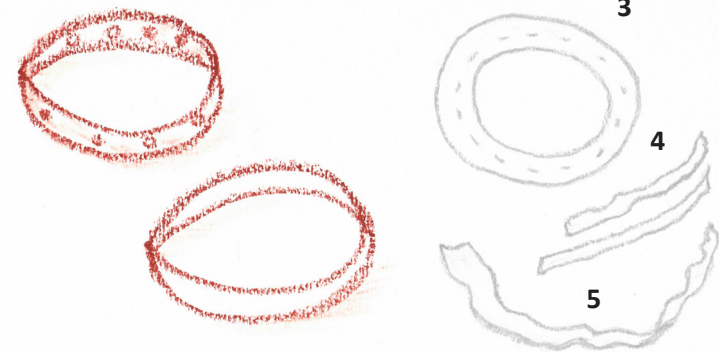
KIXÓ'IKONEHIKO | LEGENDAS

- 1 – Hepipi | Área a ser recortada
- 2 – Koxe'u muyo tikóti ákoti mûku | Tronco sem miolo
- 3 – Mûku tikóti | Miolo do tronco



D - Ikéneke usó'iyea ne ximbuà yoko tétukexeovo ko'ítuketinemo xê'ò ne pepêke motovâti keyókeovo ne xê'ò konókoti véha'ikeovo ne káva'ò ne hepípi. enepone ekeyó'okone , konókoti komómoyeovo póneovo ne káva'ò hepípi .yane ikéneke itukóvotinemo ne xê'ò ne pepêke, síkeanemo ómomikea ovâti pi'âti káxe ínamo keukápana.

D – Depois que o tronco da ximbuá estiver pronto e modelado, começar a trabalhar com o aro. Para o aro envergar, deve-se raspar um pouco dos dois lados. Assim que envergar, é preciso verificar se ele está totalmente reto. Estando corretos, deve-se moldar os aros e os cipós, deixando-os dois dias em repouso para somente depois começar a fazer os acabamentos.



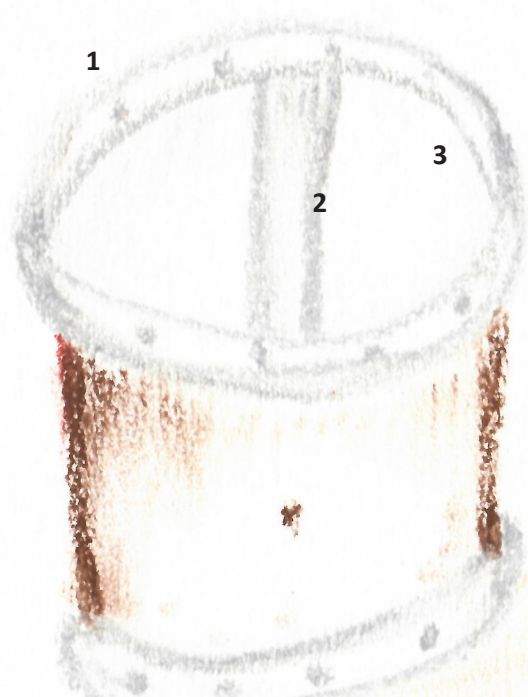
E - Ausóne,e ne xê'ò konókotimo iká'akexeovo ne xê'ohiko, ikéneke kehinakamo nove koêti ihínokoku.

Ikéneke ihíxeatimo ne hepípi yoko mótoki tîpe yoko úhe'okexeovo ne mótoki tîpe konokoâti laka'í kóyeyea

E – Assim que os aros estiverem moldados, deve-se amarrar bem as pontas, para, em seguida, fazer nove furos. Na sequência, deve-se amarrar as pontas dos cipós. Logo em seguida, medir os cipós no couro do veado e costurá-los. Com as sobras do couro, deve-se fazer dois “tentinhos”, com 30 cm (trinta centímetros) de comprimento. Quando os couros de veado costurados nos cipós estiverem prontos, é preciso que o tento do couro bovino também esteja pronto.

KIXÓ'IKONEHIKO | LEGENDAS

- 1 – Repipi | Cipó
- 2 – Nokòne | Ripa de jenipapo
- 3 - Motoki tîpe | Couro de veado
- 4 – Kalisoti motoki tîpe | Tento fino de couro de veado
- 5 – Motoki vaka | Couro bovino

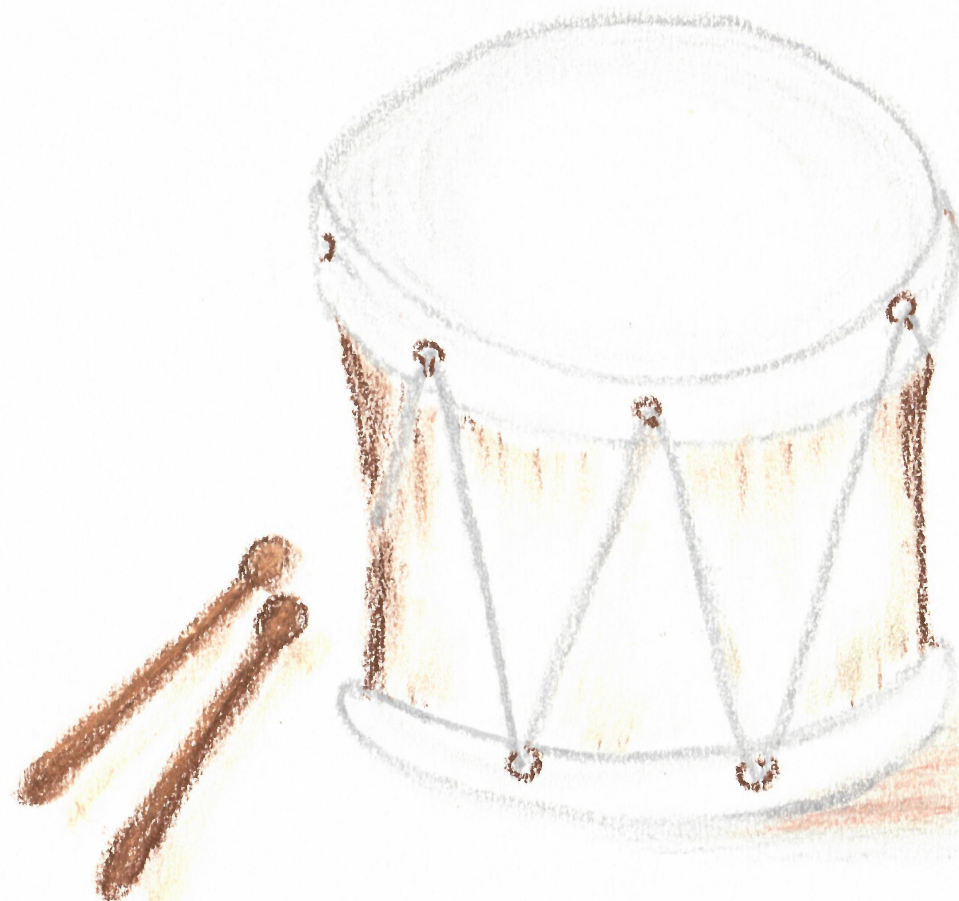


F - Ikéneke usó'iyea heu koêti nókone poehane tiríxi itíki ne pepêke. Inúxotike ípiheamo ne vakamóto uhe'ókovoti xoko hepípi. He'ô íxea ípihi ne vakamóto motovâti ákoyea ínaraka ne hepípi. Yane ikéneke ípiheovo ne vakamóto yane úsotnemo ra pepêke.

F – Assim que estiver tudo pronto é só começar a montagem. Introduzir primeiro os couros costurados no cipó, colocar os dois tentos de couro e encaixar os aros.

Obs: os tentos de couro devem ser colocados na parte em que os couros são mais finos.

Deve colocar os tentos de couro bovino com muito cuidado para não quebrar o aro na hora dos ajustes. Depois de colocado o couro, o tambor está pronto.



KIXÓ'IKONEHIKO | LEGENDAS

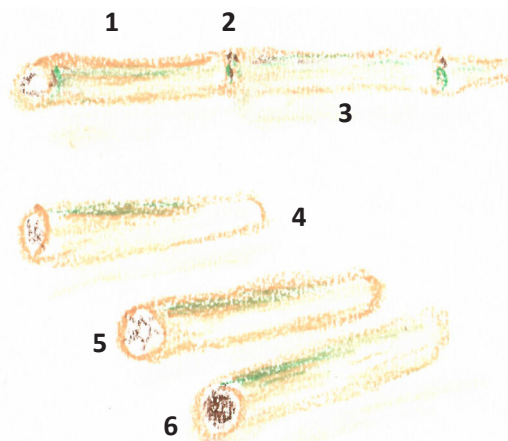
1 – Aru | Aro

2 – Motoki | Tento de couro

3 – Kalisoti motoki | Couro mais fino

KIXOVOKU ITUKEOVO HUMIKÓPETI

INSTRUÇÕES PARA FAZER FLAUTA



Yokómoma: motovâti titúki ne étakati konokoâti itúkeovo hiyá'itiyoko itukeovo hána'iti hohê.

A - Tetúkeovo ne étakati, enepone apêti iháxane ye'ékó kixoti 40 cm. Hane véinokono ehehékopeti tetúkeovo, koati kukúkeke. Yane koati xoko hunókoku hanemo míhe'okeovo kirípuhi ya piritau. Yane ausóne konokoâti komóvo'ikeovo káxeke kuaturu koetimo káxe motovâti unátiyea.

Observação: Para cortar a taboca, ela deve estar quase amarelada e na fase da lua cheia.

A – Cortar a taboca que tem gomo de pelo menos 40 cm (quarenta centímetros). Utilizando um serrote, cortar o gomo ao meio. Depois, com uma faca, perfurar uma das pontas mais arredondada. Feito isso, deixar secar no sol por aproximadamente quatro dias.

KIXÓ'IKONEHIKO | LEGENDAS

- 1 – Etakati | Taboca
- 2 – Lháxone etakati | Gomo
- 3 – Nokone motovati ikeitukexi | Parte a ser utilizada
- 4 – Nokone motovati ikeitukexi | Área a ser cortada
- 5 – Akoku motovati tetukeovo | Área a ser perfurada com a faca
- 6 – Okoku motovati kohinokeovo ya piritau | Parte mais arredondada



B - Enepo movó'ine poehane kohínokeovo ya kótuti havâva. Konókotimo sei kó'iyea ihinone (hanemo exôa itukóvotiye etnia). Enepone ihínone opékuke hanemo exôa maka póhutihiko etinia ne emó'u.

Enepone ihínone hanemo kóukeovo xoko kirípuhike purupu'í kó'iyeku hanemo iyónovo kirípuhike hapape'í kó'iyeku.

Enepo usoné'e ne ihínone ínatimo kohinókovo kirípuhike, xoko kalíhuyeku. Enepora ihínone ye'eko kixoâtimo kirípuhi ne étakati.

Xokóyo ne ihínone kirípuhike ipihovo ne pîti koanemo kóyuseyeovo ya kali étakati kúveuke ne oxopéti yane koyúsevone ínatimo kohinókopovomaka kali kirípuhi hapape'í koeti. Yane kóanemo kóyuseyeovo emó'u ne oxopéti motovâti úhe'ekea emó'u.

Obs: Enepora pîti konókotimo itúkeovo ítuke (tikira) itukeovo ya hana'iti kohê véyeovo.

B – Depois de ter secado, é só fazer os furos com um ferro quente. Geralmente, a flauta contém seis furos (mas isso depende de cada etnia). O furo na parte de baixo também deve ser conforme os toques da etnia. O furo deve começar da ponta mais arredondada para a ponta mais achatada.

Após fazer os furos, deve-se perfurar a ponta mais achatada, criando um buraco quadrado. O furo quadrado deve ficar dois centímetros aproximadamente da ponta da taboca.

Depois, deve-se cortar a ponta no formato enviesado.

Para finalizar, é necessário introduzir a cera moldando-a com auxílio de uma vareta do lado de dentro. Assim que estiver moldado, pegar um objeto achatado para perfurar a cera. É só achar a posição em que ela deve fazer o som perfeito e está pronta a sua flauta.

Observação: A cera deve ser do mel da abelha (tiquira); e sua coleta deve ocorrer na fase da lua cheia.

KIXÓ'IKONEHIKO | LEGENDAS

1 – Lhínone kohinókexevoti ya kótuti havâva. | Furos perfurados com ferro quente.

KIXÓVOKU RA ITUKÉTI

Vitukoa xéti ne exetinatihiko ako malika vonoku ya vitúkinoa visóneu. Ákoti okonokoa vipúhikea ne nóvohexoku kamokenoa úti koane puyákeova úti ne ítuke mêku. Kpane enemone vexopea kixóvoku ne viyénoxapa ya mekúke.

Énomone vitóponea xunako ra vexetina enepo koyuhópa úti xoko pó'i viyéno yara pantánake: térenoe na ra hána'iti emótoe emeuxoti.

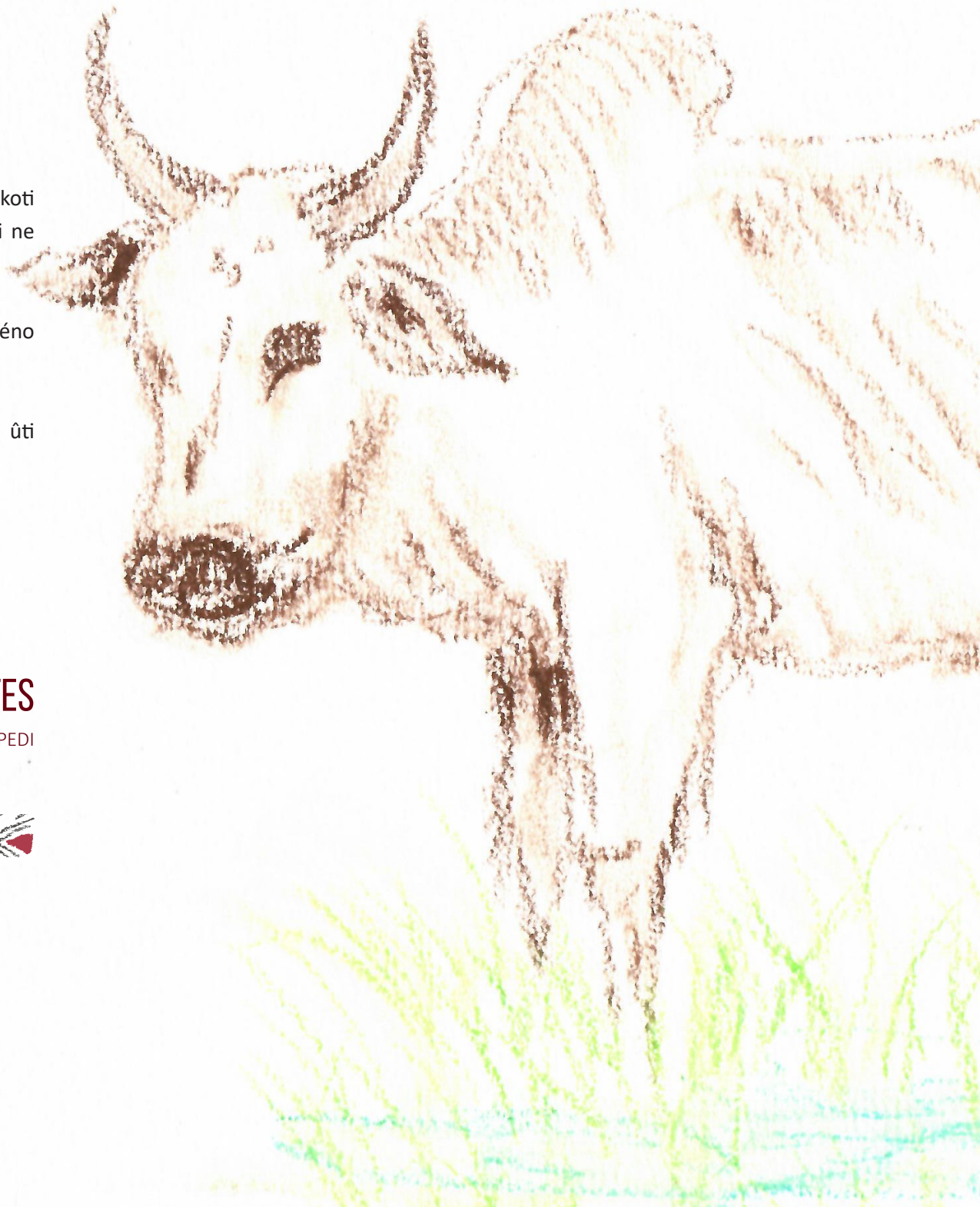
Póhuti ihaxákoku ra koyuhópeti enomone ôvo kixoku kó'isoneyea ra úti vitúkeovo tumúneke. Vitínake ôvo ra ítúkeovo úti kopénoti.

Ainapo akoe ra huvó'ixoviti yutóxoepa úti ra vexetina.

Ainapo akoe IPEDI Yoko ECOA kuxoa úti itikopi exetína ra yihóiu

ANDERSON BENITES

DIRETOR EXECUTIVO- IPEDI



APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Contar histórias: uma atividade humana capaz de nos fazer viajar no tempo, no espaço, sem sairmos do lugar; e, sem sairmos do lugar, contar, ouvir, ler histórias nos possibilita lembrar, refletir, perpetuar lembranças, fazer planos.

Contar histórias, ouvir histórias, ler histórias – isso torna vidas efêmeras em episódios eternos. Essas vidas eternizadas oportunizam às pessoas de seu tempo a compreenderem os passos da humanidade.

Na ação magnífica de contar histórias, é que encontramos a força para trazermos ao grande público uma história tão especial quanto peculiar de um povo indígena dos confins do Brasil: os terenas do Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Nas histórias contadas, cada uma a seu jeito, cada qual ao seu modo, nas páginas dos vários volumes que compõem esta coleção, você pode conhecer, ouvir, ler e recontar quem é este povo, como eles pensam o mundo, como eles vivem e enfrentam o assustador desafio de sobreviver. De viver.

De sobreviver à ascensão revelada de um sectarismo que recrudescer e nos afasta do nosso marco civilizatório. De viver com a plenitude de ter sua identidade cultural respeitada e reconhecida como uma das partes indissolúveis do DNA da gente brasileira.

Contar estas histórias é não apenas conhecer, como celebrar a cultura indígena que está na origem de quem somos. Mais que isso, haver estas histórias registradas nas páginas que se seguem é conquista da luta por terem eternizados para conhecimento das gerações vindouras os jeitos e saberes que, vivos apenas por meio da oralidade, correm o risco de serem extintos, morrendo nas mentes dos anciãos que os caminhos naturais da vida levam. Os saberes tradicionais que se perpetuam para serem conhecidos pelos mais jovens, fortalecem a identidade cultural da comunidade. O sentimento de pertencimento, tão necessário para a geração do espírito de coletividade, é nascido de iniciativas como esta.

É uma conquista que fortalece a certeza de que há necessidade cada vez mais urgente de registrarmos saberes de comunidades tradicionais como os povos indígenas, sob pena de perdermos muito da nossa própria história nacional.

Os livros que compõem esta coleção são obras construídas pelos indígenas, com o acompanhamento cuidadoso de pesquisadores do Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural (Ipedi). Desde a definição das temáticas até a formatação das obras, todo o processo foi realizado com os indígenas-autores.

O Ipedi reafirma, assim, o compromisso de promover ações de protagonismo das comunidades em que atua, fomentando não apenas o reconhecimento de que são pessoas capazes de realizar e transformar, como também o aparecimento de lideranças comunitárias importantes para o desenvolvimento de suas gentes.

Um agradecimento especial à Ecoa – Ecologia e Ação, organização que nos deu as mãos na realização deste trabalho. Executar projetos, sobretudo com uma temática étnica nos dias atuais, mostrou-se um desafio hercúleo que não poderia ter sido transposto se não fosse a parceria sincera e verdadeira da Ecoa.

Contar estas histórias, sob o ponto de vista dos próprios indígenas, registrando da forma mais fiel possível a linhas e entrelinhas, foi um desafio gigantesco, possível apenas porque a obra é resultado da união de instituições, de recursos, de comunidades. União de gente. Gente que se dispôs a sentar e conversar, a contar histórias e a ouvir. Gente que se dispôs a organizar tudo isso e trazer até você.

Esperamos que as histórias que contemos faça você viajar. E que você possa reconta-las a outras pessoas. E faça delas, obras vivas, eternas.

ANDERSON BENITES

DIRETOR EXECUTIVO- IPEDI



ANOTAÇÕES

HOINAXOPE



REALIZAÇÃO



APOIO

INVESTIMENTO:



PARCEIROS

